

O POVO DE BASTO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director—António Rodrigues Salgado

ASSINATURAS (pagamento alevantado)

Portugal e Espanha, 17550 por ano. Provenças ultramarinas, 20500. Brasil, 25500. Na sede do concelho, 15500. Número avulso (na data da publicação), \$30.

Não se restituem os originaes
Anunciam-se as publicações de que se recebe um exemplar.

Publica-se aos sábados

PROPRIEDADE DO CENTRO R. CELORICENSE

Redacção e administração:—Rua 5 de Outubro

EDITOR—Augusto Cardoso Magalhães

ANÚNCIOS E COMUNICADOS

Na 3.ª e 4.ª página, 1300 por linha.

Na 1.ª e 2.ª página, preços convencionais.

Composto e impresso na Tip. de «O Povo de Basto», R. 5 de Outubro—Celorico de Basto.

Ainda a Liberdade, a Democracia, a Inteligência e o Espírito

No campo do pensamento ocupam actualmente lugar notável os problemas filosóficos. Contra o especialismo, tão enérgicamente combatido por Ortega y Grasset na «Rebelião das Massas», e contra o cientismo particular, tomam incremento os conceitos gerais, a filosofia que, com Hesse, podemos considerar uma concepção do mundo e uma concepção da vida.

Dentro desta tendência, quer afirmemos com alguns autores o ressurgir da metafísica, quer digamos com Heys Muller que a verdadeira metafísica nunca morreu, mas apenas se encontrava totalmente fundida na concepção do universo, temos de confessar que os problemas metafísicos são de uma actualidade ilagante.

Constitui, portanto, para nós, como novo e como aspirante a moderno, motivo de prazer intelectual surpreendermos esta corrente na resposta do Dr. Álvaro Ribeiro ao «Inquérito sobre a Universalidade», organizado pela «Voz da Justiça», revestem inteira oportunidade as seguintes palavras do valoroso democrata da nova geração:

«A aspiração espiritual do nosso tempo, a aspiração espiritual de sempre, é a Liberdade. Na nossa época, porém, essa aspiração revela-se cada vez mais consciente, assistindo-se à derrota das doutrinas que em filosofia e em política negaram a Liberdade, assistindo-se

também ao ressurgimento das técnicas de libertação.»

E um pouco adiante, este parágrafo, que especialmente nos interessa agora:

«A afirmação da liberdade metafísica é a mais forte garantia da liberdade de pensamento; negando-a, atribui-se imediatamente à sociedade em geral ou a qualquer particular sociedade, a causa de aparição da actividade intelectual; negando-a, atribui-se a certos representantes da sociedade o direito objectivo de traçar os limites da liberdade de pensamento; negando-a, o problema da cultura antepõe-se ao problema da vida espiritual. E neste declive os exemplos da intolerância que as igrejas outrora lhes ofereceram.»

Esta nossa adesão às modernas tendências filosóficas não significa, no entanto, concordância com a especulação que a sombra delas se está fazendo, principalmente no campo católico. É exemplo dessa especulação aquela frase empolada de um magnate da Igreja portuguesa—«a ciência mutila a vida»—baseada num grosseiro solismo, que consiste em assacar à ciência um fim que ela ou nenhum de seus ramos, nunca se propôs: essencialmente particular não podia aspirar ao geral, a uma expressão total da vida. A nossa atitude significa apenas

o abandono de alguns preconceitos do cientismo e do positivismo, um aumento dos meios de conhecer, uma expansão de curiosidade, finalmente, o desejo de viver pelo espírito.

No terreno político reservamos à metafísica o estabelecimento das bases transcendentais da Democracia—como a Liberdade—, a que aliás se poderia também achar uma base racional. E na esteira de Kelsen, a figura mais representativa do moderno pensamento jurídico, vamos até admitir como regra que a filosofia da Democracia é fundamentalmente relativista.

São do professor Hans Kelsen, na sua obra recente «La démocratie—sa nature, sa valeur», (ed. francesa, 1932,) estas palavras: «Existe uma certa conexão por uma lado entre a concepção metafísica—absolutista do mundo e uma atitude favorável à democracia e a concepção crítica—relativista do mundo.» (Pag. 111.)

Se admitimos que o homem pode apreender valores absolutos, que fica em face da autoridade, superior a tudo, do Bem absoluto; que resta àqueles a quem ele traz à salvação, se não obedecer, obedecerem reservas, e com reconhecimento ao que, possuindo-o, o conhece e quer» (pag. 110)?

Pelo contrário, «quem toma as verdades e os valores absolutos como defesos ao espírito humano, deve considerar não só a sua opinião própria, mas também a opinião contrária pelo menos como possível. Eis a razão pela qual a ideia democrática supõe uma filosofia relativista. A Democracia considera

igual a vontade política de todos, da mesma maneira que respeita igualmente todas as crenças e todas as opiniões políticas das quais a vontade política é simplesmente a expressão» (pag. 112-113). E mais adiante: «A relatividade dos valores que proclama qualquer confissão política, a impossibilidade de reivindicar para um programa ou um ideal político determinados um valor absoluto—por mais convencidos que nós estejamos pessoalmente, por mais dispostos a dedicar-nos ao seu triunfo—constitui imperativamente a rejeitar também o absolutismo político quer seja absolutismo de um monarca, quer o de uma casta de sacerdotes, de nobres ou de guerreiros, duma classe ou de um grupo privilegiado qualquer» (pag. 113).

«Tal é—conclui finalmente Kelsen—o verdadeiro sentido deste sistema político a que nós chamamos Democracia e que não temos o direito de opor ao absolutismo político senão porque ele é a expressão de um relativismo político.»

Perdoará o leitor que assim nos tenhamos alongado em transcrições do mestre insigne. E revelar-nos-á que lhe acrescentemos uma reflexão final. É que nesta contenda entre relativismo e metafísica, entre relativo e absoluto, é a metafísica que fica, afinal de contas, a ganhar, se adoptarmos o sistema democrático: pois a aceitação de uma concepção por quem a impusesse seria a morte de outras possíveis concepções, como ela absolutas mas com ela incompatíveis, e portanto a cristalização da própria metafísica.

Tudo isso se reduz, afinal, no respeito da Democracia pela Inteligência e pelo Espírito e consequentemente pela independência e dignidade do indivíduo, que enquanto espírito, é autónomo.

António Marinho Dias.

Pensamento

A imprensa é o auxiliar do cidadão e o espantoso do coarde e do traidor. Porque ha muitos que a odeiam, devemos nós amala. Diminuem-na insultam-na, injuriam-na todos os inquisidores, todas as superstições e todos os fanáticos.

Victor Hugo.

Reflexionando...

Blasco Ibañez, que ha pouco anos morreu, foi um escrito brilhante, e ao serviço da liberdade pôs a sua caneca fecunda.

«A Catedral» quasi se aproxima da «Réssurreição» de Tostoi. Quando nos pinta com pinceladas de mestre a Espanha ultramontana, a Espanha jesuitica, aquela Espanha de fanatismos e rancores, é quasi sublime, porque é justo e severo.

Aquele rapaz nascido na Catedral, já quasi padre, quando vai prégar a emancipação humana,—o que só era possível acabando com os preconceitos com a mentira das religiões,—suportando resignadamente todo o calvario das prisões, das pancadas e da fome, em nome dos humildes, dos oprimidos, que afinal o não compreendiam, o desgracado, depois de perder a sua companheira, também propagandista do mesmo ideal, como ele tendo um único fim—A Fraternidade Universal,—recolhe novamente a Catedral, já tuberculoso, para morrer junto da família.

Os «Jesuitas» «El-Intruso» do referido Autor, é uma obra literária de grande alcance social, que deve ser lida por todos os pretensos liberais, porque os verdadeiros sabem o que querem, tem a consciência dos seus actos.

Aquele médico de que nos fala Blasco, que abandona a família, que tanto amava, quando a vê dominada pelos jesuitas, tem um diálogo formidável e oportuno, com um seu primo, grande industrial, milionário e flagrantemente contrastel—Liberal e anti-religioso. O milionário deixa entrar em casa o jesuita que detesta, mas procede assim em nome da liberdade, que defende. O pobre diabo, como tantos que conhecemos, não tinha alegria, porque a família, em tudo, era de uma trieza de

mármore, e não sabia a que atribuir tal mudança, pois sempre lhe havia sido dedicada e afectuosa.

O médico, verdadeiro homem de bem, firme nas suas convicções, que tinha por única deusa a Ciência e como religião a sagrada trilogia de SETENTA e NOVE, explica ao primo as causas do seu mau viver e diz-lhe:

—«Não se pode conceder liberdade aos inimigos da mesma liberdade. A liberdade na mão dos tartufos tem sido um erro que a humanidade está a expiar, expiação que não se sabe quando terá fim. Com a liberdade que deste a tua mulher consentiste que os jesuitas te dominem. Dispõem já da tua família, para mais tarde dispoem da tua fortuna.»

Mais tarde o médico teve de escarrar na cara do primo, quando o encontrou, de armas na mão, ao serviço dos jesuitas matando o POVO que o médico defendia.

Vila Verde-Lobito Abril de 1933.

José Alves Lopes.

Melhoramentos locais

A luz electrica

Pois vamos lá de novo a este assunto, suscitado pelas considerações, não muito agradáveis, feitas pelo nosso colega o «Noticias de Basto» a situação económica e administrativa encontrada pela actual Comissão gerente dos assuntos municipais e a propósito dos seus planos de vida nova.

Quando, em tempos, aqui tratamos desta matéria, apontamos duas maneiras, a nosso ver mais práticas, de resolver com vantagem o problema do fornecimento de energia eléctrica no concelho, não só com destino à iluminação pública e particular, como também a fins industriais. Uma era a da instalação de uma central hidro-electrica privada, utilizando a queda do Rio de Freixo próximo da sua confluência no Tâmega. Estudos repetidos haviam demonstrando a possibilidade de obter ali energia mais que suficiente para as necessidades actuais e futuras do concelho e até mesmo para fornecer ao próximo concelho de Mondim-de-Basto. De modo largo, calculava-se entre 200 e 300 contos o custo da instalação. A esta despesa havia de acrescentar a da manutenção anual dos serviços, com o pessoal, oficina de reparações etc. Era uma coisa bastante de ponderar, pelo menos em quanto a difusão do processo de iluminação e a aplicação de energia para usos domésticos e industriais não tomassem a latitude necessária para assegurar receita compensadora. Mas, ao menos, assegurávamos a nossa independência, fomentando a actividade concelhia.

A outra maneira seria a de ir buscar a energia eléctrica a uma central idónea. Tínhamos a de Amarante, que hoje estando a sua rede até Padronelo, Livração e Boiras da Lixa, e a do Va-

lência atravessam a Vila de Amarante. Da primeira ouvimos dizer, em contestação, que não dispunha da energia precisa para ocorrer às necessidades de Celorico, afirmação que reputávamos, como ainda hoje consideramos, destituída de base e podendo, quando muito encobrir uma recusa inexplicável. Quanto à segunda, invocava-se o custo demasiadamente grande de uma cabine transformadora, visto que a corrente passa em Amarante em tensão muito elevada.

A quanto poderiam montar as despesas com a instalação completa nesta hipótese? Veriaderamente nunca vimos isso discutido ou mesmo ligeiramente apontado. E foi assim que se procedeu à instalação da central hidro-electrica actual.

De certo presidiu à resolução tomada o desejo de dotar rapidamente o nosso concelho com o benefício da luz eléctrica e a suposição de ser esta a maneira talvez mais económica e prática. Nestas coisas também valem muito os pareceres das casas técnicas, naturalmente empenhadas em vender os seus artigos, em proceder às instalações e, consequentemente, em apresentar um aspecto fácil e atraente ao problema...

Sabe-se como os serviços se encontram. A central não dispõe ainda de um fornecimento de água absolutamente garantido, a começar pela falta de uma conduta ou levada de construção conveniente e a acabar pelas testilhas, pelo momento serenadas, dos proprietários com direito às águas aplicadas na central. Depois, necessita ainda da instalação de uma turbina de socorro, para qualquer eventualidade. Não queremos falar na substituição a fazer dos postes de madeira por ferro, nem na montagem intuitiva e urgente de um telefone para serviço da linha, e que poderia ter até a vantagem de ser extensivo às relações entre os dois concelhos.

Quanto se gastou até hoje com os serviços eléctricos? Quanto se tornará preciso gastar ainda para completar as instalações? Quais as despesas da exploração dos serviços?

Eis uma coisa que todos teriamos muito interesse em conhecer e que a Comissão Administrativa actual não deixará decerto de trazer a público.

Mas, e a ajuizar pelo que sobre o assunto ela já vagamente disse (referimos ao que veio no «Noticias de Basto», seu órgão officioso,) tudo aquilo deixa bastante a desejar e está assumindo para o futuro um encargo respeitável para as câmaras interessadas no negócio.

Estas considerações levam-nos naturalmente a preconizar como constituindo a verdadeira resolução do problema o fornecimento da energia pela central do Varosa, ou ainda pela do Cabrum, hoje associada ou em vésperas de associação com aquela, e que nos dizem fará atravessar esta região com os seus cabos eléctricos com destino a outros concelhos.

A nossa Câmara está em

condições de contratar vantajosamente esse fornecimento (uma vez que se encontra, para o momento, servida) de maneira a obter com a revenda da energia aos seus munícipes um rendimento que jamais alcançará no sistema de administração directa, com a vantagem ainda de não ter que se preocupar com a dispendiosíssima manutenção do serviço e de poder dispor não só para de noite mas durante todo o dia da energia que for precisa tanto para luz como para aplicações de outra natureza, que é de prever se farão logo que haja para isso instalação apropriada.

É sabido que só as grandes explorações destes serviços asseguram a sua regularidade e economia. Daí a tendência actual de se pôrem de parte as instalações de carácter local para se ir procurar o fornecimento da energia eléctrica às importantes centrais de Lindoso, Varosa, etc.

Gostaríamos de ouvir a opinião do nosso colega local sobre este assunto, que supomos de grande interesse.

:: Comentários ::

Agarantia administrativa

O Sr. Dr. Costa Rodrigues, Secretário Geral do Governo Civil de Coimbra e muito dedicado a estudos de direito administrativo tendo sido um dos mais metódicos cooperadores do código em projecto, realizou há dias em Lisboa uma conferência sobre o assunto na qual se referiu ao chamado princípio da «garantia administrativa». Para o leitor menos versado nestas coisas explicaremos que isso consiste no privilégio de as autoridades e, hoje também, os membros dos corpos administrativos não poderem ser chamados aos tribunais pela responsabilidade dos actos praticados no exercício das suas funções e que impliquem abuso das mesmas, sem que seja dada para isso a competente autorização pelo governo, o qual como frequentemente tem vindo publicado na folha oficial e transcrito na imprensa diária, denega em princípio tal autorização.

Semelhante princípio foi estabelecido no código, por sinal muito centralizador e reaccionário, posto a vigorar pelo governo franquista, em 1896, e que a República banii ao decretar a vigência do código de 78, o mais liberal até então publicado em Portugal, vindo a ser restaurado e ampliado pelo governo ditatorial saído do 28 de Maio.

A este respeito publicou o Sr. Dr. Marques Guedes um interessante artigo no «Primeiro de Janeiro» onde analisa os inconvenientes de semelhante princípio, pelo qual são subtraídas aos cidadãos garantias contra os abusos do poder.

Vale a pena ler esse inteligente artigo, escrito com a sabida competência e serenidade que caracterizam tudo quando sai da pena do illustre pro-

Por isso faremos transcrição dele no próximo número.

A semana da tuberculose

Recorrendo ao sistema, hoje em dia, usado de consagrar uma semana de propaganda a favor de determinadas instituições tendentes ao combate de certos flagelos humanos, como o cancro, a lepra, ou ao desenvolvimento de organismos benemerentes, tal como a semana das Misericórdias, a Assistência Nacional aos Tuberculosos realiza de 1 a 7 do corrente a semana contra a tuberculose.

Neste sentido se nos dirigiu a Junta Geral do Distrito solicitando a nossa humilde cooperação na propaganda contra a terrível doença, que dizima anualmente muitos milhares de pessoas no nosso país.

Certamente, da melhor vontade acedemos a essa campanha, que é mesmo um dever da imprensa, nem sempre em condições de poder desempenhar quantos lhe impendem, e assim, em outro ponto, inserimos algumas indicações vantajosas para que o público possa evitar ou combater o contágio, e que nos foram enviadas por aquele organismo.

Temos, porém, a este respeito um modo de ver, que é aliás, o mesmo de muitos outros, e que não encontramos suficientemente apontado nos prospectos enviados.

Na luta contra a tuberculose ha um aspecto de especial importância a considerar e que cabe sobretudo à função dos governos porque implica a necessidade de sua acção directa e energica nas condições económicas e sociais da população.

Na verdade, uma das causas, decerto a principal da propagação tuberculosa é a da deficiência da alimentação do povo. Ha muita fome, muita miséria. Tudo quanto vise a melhorar esse estado de coisas, o que se obtém pelo barateamento da vida, pela diminuição dos encargos fiscaes, pelo desenvolvimento da actividade económica, facilitando as condições de trabalho e assegurando a sua retribuição condigna, etc., será a verdadeira forma do combate ao flagelo.

Tudo o mais não passa de simples paliativos, acreditem.

No entanto, é bem que, mesmo assim, empregue a solidiedade de cada um.

O que é a obra de uma república verdadeiramente democrática?

A Espanha, no curto espaço de dois anos, entre muitos outros serviços de grande relevo e alcance social, criou nada menos de 8.848 escolas, que representam o ensino alargado a meio milhão de crianças. O orçamento actual consigna 600.000 pesetas destinadas a colônias escolares e dois milhões de pesetas a cantinas. A par disso, tem mandado proceder ao melhoramento dos edificios escolares existentes, beneficiando a condição económica e moral do professorado, adquirido aparelhos de cinematografia e telefones sem-fios para a difusão de assuntos artisticos e educativos pelas escolas mais remotas, etc., etc.

Cuidando assim da instrução, orientando as gerações novas no sentido da ciência, da liberdade, da justiça e do bem, os

homens que inteligentemente dirigem a vizinha república preservem o seu país das aventuras políticas, contrapropagandas mais ou menos estúpidas dos tiranias dos Hitleres e Mussolinis.

Touros da morte

Vai acesa uma enérgica e justa campanha contra o projecto da legalização das corridas de touros de morte, assunto sobre o qual o governo mandou ouvir uma comissão, que apresentará o seu relatório no prazo de 3 meses. Entretanto—a título excepcional—autorizou três corridas nessas condições, cujo produto se destina a fins beneficentes.

As corridas de touros de morte são uma coisa bárbara, nada havendo que as possa justificar. Nem mesmo os bons fins em vista.

O princípio de que os fins justificam os meios não são para nós.

O decreto de 31 de Março último, que remodelou os serviços da Direcção Geral do Ensino Primário, procurando aumentar as receitas do Estado, agravou desta maneira certas taxas referentes ao mesmo ensino: Autorizações para exame do 2.º grau, de 200 para 100000; justificação de falta a exame, de 200 para 50000 diploma de exame, de 2500 para 5000; certidões de exame do 2.º grau (que eram gratuitas, salvo o papel) 10000; alterações nos termos de exame, que eram gratuitas, 50000.

Negação de autorização

Refere o «Janeiro» que o sr. Ministro do Interior negou autorização para serem demandados criminalmente João Calado, regedor substituto em Valpaços, por abuso de autoridade, e o guarda n.º 30 da P. S. P. de Coimbra, Joaquim Branco, por processo contra ele pendente, por offensa corporais voluntárias na 2.ª Região Militar.

João... Calado. O calado é o melhor...

Joaquim Branco! Branco é, galinha o póe.

Uma constipação é muitas vezes a porta de entrada para uma tuberculose pulmonar. Despreze-a, por insignificante que pareça, e, pois, facilite o aparecimento de uma infecção tuberculosa.

A falta de apetite é muitas vezes o reate primeiro da tuberculose. Deixar enfraquecer e preparar o terreno para aquela infecção mortífera.

O problema da tuberculose

«A tuberculose tem invadido o nosso país como uma planta parasita se apossa dum campo de trigo. O microbio que a produz é uma semente, e não nos trabalhamos suficientemente para destruir essas sementes e para colocar o nosso corpo em condições impróprias para a sua germinação. Assim se vai alastrando no inal. Ha, presentemente, em Portugal, para cima de 80.000 doentes tuberculosos. 50.000 dos quais espalhando a moléstia que os vai lentamente matando. Este número tem aumentado de ano para ano. Em Lisboa, por exemplo, segundo as próprias estatísticas oficiais, a mortalidade pela tuberculose quasi que triplicou nos últimos 20 anos. De 1.300 victimas em 1901, passaram a registar-se em 1930 nada menos do que 3.700.

E, no entanto, está denostrado que os homens podem combater com efficacia o terrível flagelo. Em Nova York, a maior cidade da América e uma das maiores cidades do mundo, pôde reduzir-se a metade o número anual de mortes pela tuberculose, num período de 67

anos de propaganda e de trabalhos bem dirigidos. Tudo consiste em observar preceitos decorrentes dos seguintes princípios.

1.º—A tuberculose é susceptível de cura durante os primeiros períodos da doença.

2.º—A tuberculose é uma doença contagiosa, que se transmite pelas poeiras que respiramos, pelos alimentos que ingerimos, pelos objectos em que tocamos.

3.º—A tuberculose é uma doença debilitante que mais facilmente ataca e mais facilmente é combatida nos organismos enfraquecidos.»

(Continua.)

Para evitar a tuberculose combatê-la nas moedas. São elas muitas vezes as portadoras do germe da doença.

É perigoso sacudir os tapetes e varrer para a rua. A poeira dissemina a tuberculose.

Registo pessoal

Embarcou ha dias em Loanda devendo chegar em breve a esta localidade o nosso prezado colaborador e amigo sr. José Alves Lopes, proprietário e comerciante em Vila Verde, Benguela.

—Tem melhorado de saúde o nosso estimado assinante sr. Domingos Pereira Dias Loureiro, de Cerdeira, de Veade.

—Vimos nesta localidade o nosso amigo sr. José Alves de Moura, da Ponte Nova, Amarante.

Também aqui esteve o hábil mecânico, nosso estimado conterraneo sr. Alberto Marinho C. de Faria, da mesma Vila.

—Encontra-se, na sua casa do Passo, o nosso amigo sr. Albano Gonçalves Mota, residente na Póvoa-de-Varzim.

Escarrar no chão é atentar contra a vida alheia.

Ecos & Noticias

Dr. Lago Cerqueira

Sob este título insere o nosso colega Flor do Tâmega, de Amarante:

«Chegou no dia 26 à noite a sua Casa da Calçada, o Sr. Dr. Antonio Joaquim Machado do Lago Cerqueira, antigo Ministro do Trabalho e dos Estrangeiros, que estava em França desde alguns anos.

S. Ex.ª que é um fervoroso viticultor, tendo os produtos da sua lavra sido premiados em várias exposições, no País e no Estrangeiro, vem conhecer de perto o desenvolvimento dos grandes trabalhos que traz nas suas extensas propriedades. Na estação das Devezas e na de S. Bento alguns amigos de Amarante e do Porto aguardavam a chegada do Sr. Dr. Lago Cerqueira, que se apeou na primeira daquelas estações, seguindo para aqui no automovel do Sr. Dr. Julio Naya, acompanhado dos srs. Antonio Balbino de Carvalho e Rodrigo F. da Cunha, seus de-

votados amigos.

Mesmo nessa noite, as pessoas que tiveram conhecimento da chegada do querido e prestigioso amarantino foram cumprimentadas à Casa da Calçada.

Sabemos que S. Ex.ª tem uma breve demora na sua terra, que muito lhe deve e muito lhe quer.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.»

Associando-nos às justas congratulações do nosso colega pela vinda a Amarante do prestigioso republicano Sr. Dr. Lago Cerqueira, o qual sabemos foi alvo das mais efusivas demonstrações de simpatia por parte da população amarantina, sem distinção de classe nem de partidos, aclus se associando até os elementos officiaes, provando assim o reconhecimento das altas qualidades do homenageado e dos valiosos serviços por ele prestados ao seu concelho.

Dáqui foram cumprimentar o illustre amarantino o sr. Dr. Rodrigo Rodrigues e o director deste jornal.

A resinagem

Referir um destes dias «O Primeiro de Janeiro», n.º 1 artigo do Sr. Dr. Cerqueira Magro, do Seixoso, que tinham tomado um grande desenoimento os trabalhos de resinagem das pinheiros em que anda empenhada uma importante empresa portuense de que fazem parte os conhecidos banqueiros Borges & Irmão, daquela cidade.

Assim, informava o sr. Dr. Magro, só no nosso concelho haviam sido contratadas mais de 200.000 incisões em pinheiros, e na sua mata do Seixoso iam ser efectuadas umas 100.000 incisões.

A propósito, dirigia o conhecido proprietário e director daquela estância de saúde um espirituoso apelo às suas queridas árvores, dizendo que a resinagem constituia para elas um benefício, pois lhes retardaria a época em que o machado as derrubasse...

Estamos, efectivamente, informados que no nosso concelho tem sido realizadas numerosas transacções sobre a resinagem.

Quanto à sua acção nas árvores, já ha tempos na secção agricola, o nosso colaborador Agrosfirmou que não era de modo algum nociva efectuando nas devidas condições, que é o que se está fazendo. Assim o ensinam Tude de Sousa e outros illustres silvicultores.

O tempo

Tem chovido copiosamente desde o início do corrente mês, sendo as chuvas acompanhadas, por vezes, de fortes ventanias, que alguns prejuizos tem ocasionado.

Não se mostram com isso descontentes os lavradores, pois que tinham faltado as águas de que Abril costumava ser generoso.

Assim as chuvas não se prolonguem em demasia, embaralhando os serviços agricolas, que neste mês assumem grande actividade.

Linha do Vale do Tâmega

Embora não tenhamos elementos de natureza officiaes que autenticam a informação, consta-nos que o Conselho Superior dos Caminhos de Ferro está nas melhores disposições de fazer prosseguir os serviços de construção da nossa linha férrea até ao Arco-de-Builhe, e que já no proximo orçamento figuraria uma importante dotação nesse sentido.

Mais ouvimos, ainda, que procurará, numa modificação a introduzir nos estudos feitos, aproximar a linha o mais possível da povoação de Fértil, onde a estação marcada para servir o concelho de Mondim viria a ser localizada.

Ora já que as obras prossigam não só pela conveniência da administração dos serviços ferroviários, como para servir vantajosamente os interesses da região de Basto, e ainda para acudir á grande crise de desemprego existente.

116.000 portugueses morrem anualmente. Dêscas 116.000, a tuberculose se vitima para cima de 20.000.

Secção agricola

Mês de Maio

Anda tudo mudado, lá por cima e cá pela terra. Quem nos havia de dizer que o «Abril das águas mil, o Abril frio e molhado, que cache a tulha e fart o gado», nos havia de sair como decorreu, de uma temperatura em geral deliciosa e com alguma meia dúzia de dias de chuva? Pois foi mesmo assim, deitando abaixo todos os aforismos consagrados pela experiencia de longos anos. E este Maio, não nos entrou carreado, de chuva copiosa, de ventania desabrida e ár áspero? E quem sabe o que ele nos dará no seu giro até final? Seja como for, o que é preciso é estar a postos para a realização dos

Trabalhos agricolas do mês

NAS VINHAS:—Como o mês anterior foi relativamente quente, as videiras desenvolveram-se bastante e apressaram a conclusão das enxerrias, que só por uma ou outra excepção estarão por fazer.

Agora os trabalhos soberanos são a enxofração e a sulfatação. Tratem os lavradores deste serviço quanto antes. Ha quem faça pouco destes cuidados temporários, dizendo que não ha em que aplicar o enxofre ou o sulfato (cu calda Cáfar). Não sabem ou não reflectem que o que mais vale no emprego destes produtos é precisamente a sua acção preventiva. Quando a doença começa a aparecer já vai mal a coisa, se não heuve o cuidado de acudir a tempo. Portanto, já sabem o que devem fazer. E a propósito, diremos que se aproveitarem a ocasião para aplicar as pulverizações nas fruteiras, e nos batataes, farão muitissimo bem. Convem também tirar os ladrões que vão apparecendo sobretudo nos enxertos, onde fazem mais mal.

NAS HORTAS:—Continuam-se as sementeiras e plantações que já se aconselharam para o mês de Abril: feijões, abóboras, tomates, pepínos, melões, melancias, couves, etc. As sementes, mondas e transplantadas são de oportunidade. E se o mês decorrer diferente do que a amosra dos primeiros dias e o sol entrar a atestar, as regas da parte de tarde estão aconselhadas, para que as águas não sejam evaporadas e mantenham durante a noite a humidade tão precisa ás plantas.

NOS CAMPOS:—Acabasse o corte dos tenos e vai-se entrar com toda a actividade na sementeira do milho, feijão, linho e painço. As ervas destinadas a pasto devem escolher-se das que são prejudiciais, como a conhecida rosa amarela. Já aqui falamos demoradamente nisto, ha dias.

Nas lavras e cavas deve

ter-se em atenção, que a terra precisa de ser revolvida a sufficiente profundidade. Areja-se assim melhor, e deixa-se atravessar também mais facilmente as águas. O segredo da boa produção está em grande parte no bom movimento das terras.

NAS ADEGAS:—Continuamos a recomendar todo o cuidado com os vinhos, fazendo repetidamente os atestos e evitando sobretudo o mante-los na mãe, o que constitui um perigo com os calores próprios da época. Já ha tempos indicamos também as precauções a tomar a este respeito e para lá chamamos a atenção dos lavradores.

OUTROS SERVIÇOS:—Nas colmeias mudam-se os enxames, fazendo-se a recolha dos novos. Nas moveis colocam-se as alças de sobreposição. E tempo á tosquia do gado lanigero, escolhendo-se de preferencia os dias quentes.—Os sobreiros e carvalhos descascam-se agora, aproveitando-se as lenhas de limpeza para carvão.

Alguns aforismos do mês

Fraço é o Maio que não rompe uma croça.

Em Maio come as cerejas ao borralho.

Maio pardo e ventoso, ano formoso.

Maio frio, Junho quente, bom pão, vinho valente.

Quando em Maio não tóa, não é ano de brãa.

Maio hortelão, muita palha e pouco pão.

Maio conveiro não é vinhateiro.

Peixe de Maio, a quem vo-lo pedir, dá-o.

Quando chove na Ascensão até as pedrinhas dão pão.

Água de Maio, pão para todo o ano.

A boa cêpa, Maio a deita.

Agro.

Ser-se tuberculoso não é estar condenado á uma morte certa. A tuberculose na sua fase inicial é quasi sempre curável. Combatê-la nesse período é garantir-se a quasi certeza de a vencer.

Um dos primeiros alimentos é o ar. Contra a tuberculose é também o primeiro dos medicamentos.

Pelas Repartições.

TRIBUNAL JUDICIAL

Dia 26 de Abril:—Julgamento em processo de que-rela, á revelia do réu Manuel Lopes da Fonseca, que foi do lugar de Alijó, freguesia do Rêgo, pelo crime de offensas corporais, sendo condemnado. (1.º officio).

Dia 1 de Maio:—Licitação no inventário orfanológico, por óbito de Joaquina Nunes, que foi da freguesia de Ermêlo. (1.º officio)

Declaração de honra, á Curadora dos ausentes no inventário orfanológico por óbito de Francisco Gonçalves da Costa, que foi do lugar de Crêspas, freguesia de Britelo. (3.º officio)

Declarações de inventariante no inventário orfanológico por óbito de Emilia Teixeira Leite, que foi do lugar do Assento, freguesia de Carvalho. (1.º officio).

Dia 2 de Maio:—Julgamento em policia correccional de Cristiana de Oliveira, da Gandarela, freguesia de São Clemente, pelo crime de furto, sendo absolvida. (1.º officio)

Declaração de honra ao curador dos ausentes no inventário orfanológico por óbito de Bernardino Leite, que foi de Fértil, freguesia de Veade.

Repartição do Registo Civil

Movimento demográfico

(Desde 17 a 23 de Abril)

AGILDE:—Nasc.:—José, f. de Cesar P. de Almeida Carvalhaes e Aurora da Silva Couto;—Joaquim, f. de Manuel Joaquim Marinho de Mesquita e Adelinda Marinho de Sousa;—Emilia, f. de Avelino Lopes de Moura e de Gravelina Carvalho Casam.;—Maria Coelho com José Teixeira, de Telões.

ARNOIA:—Nasc.:—Rosa, f. de José da Mota e Maria da Conceição da Mota;—Maria Beatriz, f. de José Avelino Leite Bastos e Maria Luisa Fernandes de Almeida.

BRITELLO:—Nasc.:—Manuel, f. de João Gonçalves de Andrade e Emilia Carvalho Gonçalves;—Manuel Joaquim f. de Joaquim Noqueira e Deolinda Monteiro;—Laurindo, f. de Manuel Teixeira Pinto e Gravelina Leite da Silva;—Eugénia das Dóres, f. de José Ribeiro e Julia Lopes.

Obitos:—Manuel, de 4 dias, f. de João Gonçalves de Andrade e Emilia Carvalho Gonçalves.

CÂNEDO:—Obitos:—Camilo Alves de Carvalho, de 79 anos.

CARVALHO:—Nasc.:—Duarte, f. de Antonio da Cunha e Ana Alves.

CÓRGO:—Nasc.:—Maria das Dóres, f. de Manuel Mota e Joaquina Pereira de Magalhães.

FERVENÇA:—Nasc.:—José Dionísio, f. de José de Magalhães e Iria Leite do Cén.

Obito:—Justina Moreira, de 80 anos.

MOLARES:—Obito:—Nado morto, f. de Manuel Marinho de Mesquita e Luisa da Mota.

OURILHE:—Nasc.:—Serafim, f. de Antonio Leite e Maria das Dóres Moura e Costa.

RÊGO:—Casam.:—Joaquim Alves Ribeirinho, desta freguesia com Adelia Lima de Magalhães, de Caçarilhe.

RIBAS:—Nasc.:—Olinda, f. de Antonio Teixeira e Maria Alves;—Domingos, f. de José Teixeira e Antonia Gomes.

SÃO CLEMENTE:—Nasc.:—Antonio, f. de José de Sousa e Joaquina Alves;—Emilia, f. de Antonio de Magalhães e Maria Teixeira.

Obito:—Alfredo, de 4 anos, f. de Joaquim Alves e Adelaide Carvalho.

TECLA:—Nasc.:—Ana, f. de Domingos Gonçalves e Maria de Oliveira.

Obito:—Artur Marinho, de 36 anos.

VALE DE BOURO:—Nasc.:—Francisco, f. de Antonio Pinhão e Ana de Freitas.

‘A PATRIA’ (29)

SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS

Seguradora da Associação Central de Agricultura

SÉDE EM EVORA

DELEGAÇÃO NO PORTO:—Avenida dos Aliados, 81-4.

Tele) fone 4903
gramma «Porpatria»

Efectua seguros em todos os ramos, incluindo
INCENDIO, VIDA, DESASTRES NO TRABALHO

Todos os assalariados ou empregados de ambos os sexos no Comércio, Indústria, Agricultura ou domésticos têm direito, em caso de desastre, receber dos patrões 2/3 de salario diário; assistência médica, farmaceutica ou hospitalar; pensões vitalicias em caso de incapacidade permanente ou as seus herdeiros em caso de morte, bem como as despesas de funeral.

Todas estas responsabilidades podem ser transferidas para «A PATRIA» a prémios equitativos.

Contratos especiais por «avença» para a agricultura.

CAPITAL ESC. 500.000\$000

RESERVAS EM 1932—Esc. 3:378.596\$75

NESTA VILA:

MEDICO:—Dr. Artur Alves Ferreira.

AGENTES:—Viuva de Antonio Novais Mateus & Filhos.

Jorge Gaspar de
Lemos

NOTARIO

Cartório no edificio da Câmara, em frente à Conservatória da comarca.

Mota e Costa

(Médico municipal)

Consultas em Mosqueiros das 8 às 10 horas, excepto às quartas-feiras, em que as consultas são em Fermil das 10 às 12.

Chamadas a qualquer hora.

Prevenção

Bernardo Alves Requito, comerciante na praça de Mondim de Basto, previne todos os seus fregueses e o público em geral, que tem para venda um grande depósito de cal de Campanhó, no seu estabelecimento, em Mondim, e no lugar da Cruz, em Britelo, onde pode ser procurada a preços convencionais.

Armazens do Porto

(LOJA NOVA)

—DE—
SILVA & PEIXOTO

Depositários dos tabacos da Companhia Portuguesa de Tabacos.

Correspondentes dos Bancos Nacional Ultramarino, Espirito Santo e Cupertino de Miranda & C.^a

A MOBILIARIA

Oficina e depósito de moveis e colchoaria

—DE—

AVELINO ALVES DE C. FONTES

Avenida da República—CELORICO DE BASTO

Nesta acreditada casa encontram-se sempre à venda mobílias de sala de jantar e quarto, desde o mais modesto ao mais luxuoso.

Móveis avulso:—camas, guarda-vestidos, lavatórios, mesas de cabeceira, cadeiras, colchões de folhelho e arame e tudo quanto respeite á sua arte.

Restaurações em mobílias antigas e modernas e em colchoaria.

Execuções de trabalhos de carpintaria.

(22)

Nova Lactaria e Pichelaria

— DE —

ABILIO DE SOUSA

RUA MAJOR SERPA PINTO

— Celorico de Basto —

FABRICAÇÃO DE PULVERISADORES
DE NOVO SISTEMA E
MODIFICAÇÃO DE QUAISQUER OUTROS

Instalam-se e concertam-se canalisações para água, gás, etc.

Depósito de chumbo para caixões

ARMAZENS DO PORTO

(LOJA NOVA)

—DE—

Silva & Peixoto

NOS BAIXOS DO HOTEL MOTA

CELORICO DE BASTO

O maior sortido:

Os melhores artigos:

Os menores preços:

Três verdades que facilmente se verificam visitando a nossa casa.

Secção de Fazendas

O sortido mais completo e de maior novidade em tecidos para a presente estação.

Sedas—Tobralcos—Foulards—Voils—Tweeds—Crepes e fantasias em lindissimos desenhos.

Lãs para vestidos, Poplins, Zefiros, Pereaís e Casimiras para fatos, o que ha de melhor.

Riscados, Cotins, Chitas, Crepons—sortido colossal.

Morins, bretanhas e panos para lençois—quasi de graça.

Chales, coichas, atalhados a preços que causam asombro. Perfumes e todos os afamados produtos «Nady e Benamor» Mindéssas, Chapelaria, meias, gravataria e muitos outros artigos que vendemos aos preços das Fábricas.

Secção de Mercarias

Além dos melhores e mais puros géneros alimentícios temos sempre as maiores especialidades em chá, café, manteiga e azeite.

Louças, artigos de Papelaria e Ferragens aos melhores preços.

Secção de Calçado

Calçado popular e calçado de luxo para homem, senhora e creança.

Lindos modelos a preços baratissimos.

Comprar na nossa casa é economizar dinheiro.

Para bem servir: preço fixo. Comprase e vendas a dinheiro.

—VENDAS POR JUNTO E A RETALHO—